

Sergiana Maria da Silva Pereira
Edmar Reis Thiengo

CONTO DE FADAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

PRODUTO EDUCATIVO



Sergiana Maria da Silva Pereira
Edmar Reis Thiengo

**CONTO DE FADAS EM
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)
PRODUTO EDUCATIVO**

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing
Vitória
2022

Conto de fadas em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) - Produto educativo
© 2022, Sergiana Maria da Silva Pereira e Edmar Reis Thiengo

Orientador: Prof. Doutor Edmar Reis Thiengo

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré - UNIVC

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Diagramação: Ilvan Filho

DOI: 10.29327/5141871

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436c Pereira, Sergiana Maria da Silva. -
 Conto de fadas em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)
 - Produto educativo / Sergiana Maria da Silva Pereira,
 Edmar Reis Thiengo. -

Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -

37 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

ISBN 978-85-92647-91-9

1. Educação especial – Crianças surdas. 2. Contos de fadas – Língua Brasileira de Sinais. I. Thiengo, Edmar Reis.

CDD – 371.9

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Apresentação | 06 |
| Língua Brasileira de Sinais nos estudos de contos de fadas | 09 |
| Conceitos básicos sobre Libras | 17 |
| Escolas de ensino fundamental e a inclusão dos alunos surdos | 18 |
| A deficiência auditiva e o desenvolvimento da criança | 22 |
| Plano de aula-gênero textual: conto de fadas | 26 |
| Tipos de frases | 28 |
| Atividades estruturando frases a partir dos desenhos existentes nas histórias | 29 |
| Atividades de interpretação linguagens de sinais-categoria: interrogativos .. | 30 |
| Palavras finais | 33 |
| Referências | 34 |
| Os autores | 36 |

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha foi elaborada a partir do resultado de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, realizada pela aluna Sergiana Maria da Silva Pereira, sob orientação do professor Dr. Edmar Reis Thiengo que investigaram como o uso de contos de fadas pode colaborar na construção da subjetividade de uma estudante surda, oportunizando sua inclusão nas aulas de Língua Portuguesa, e por consequência, nos demais espaços educacionais, desenvolvida em turma de anos iniciais do Ensino Fundamental, em escola municipal de Pedro Canário/ES, por meio do Programa de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré. O objetivo desta cartilha é trazer algumas reflexões sobre a importância dos contos de fadas, adaptados para Libras, na educação e a formação da subjetividade das crianças surdas.

O estudo versa sobre a educação e a inclusão tendo, como tema central, o uso de contos de fadas através das metodologias tradicionais e mídias, como uma importante ferramenta pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Os contos de fadas sempre encantaram as crianças e, ainda hoje, continuam a seduzi-las. Esses contos possibilitam reflexões sobre os problemas interiores de seus leitores e auxiliam a construção da subjetividade infantil. As adaptações dessas histórias para a Libras, Língua Brasileira de Sinais, levam às crianças surdas, não apenas o prazer da fruição dos contos de fadas, mas também os benefícios psicológicos advindos dessas narrativas.

Os contos de fadas adaptados para Libras têm sido utilizados com frequência na educação de crianças surdas. Essas histórias, não apenas contribuem para a formação da identidade dessas crianças, como também estimulam a construção de sua subjetividade.

Com os contos de fadas a criança aprende a ver com algum distanciamento o seu próprio drama e, dessa forma, percebe com mais clareza o que está vivendo. Em geral, todo leitor experiente aproximou-se da literatura de forma paulatina, pelo contato com a literatura oral, exposta de forma prazerosa em seus primeiros anos. E os leitores “iniciantes” aprendem a apreciar narrativas ao ouvir alguém contar histórias. Para muitas crianças surdas, filhas de pais ouvintes, cujo domínio da Libras é superficial ou inexistente, o contato inicial com as narrativas orais tradicionais ocorre com um atraso, às vezes, de vários anos.

Como recurso didático, os contos de fadas são importantes para qualquer educador, mas tornam-se imprescindíveis para o educador que trabalha com classes inclusivas. O momento em que alguém conta uma história para um grupo de crianças, é mágico. No início da escolarização, a criança surda ainda não consegue acompanhar a alfabetização do Português escrito. Em geral, isso ocorre por causa do atraso na aquisição da Libras, que deveria ser a sua primeira língua, e também por um descaso político-educacional, considerando-se a carência de métodos eficientes para o ensino de Português como segunda língua a alunos surdos.

Desse modo, o trabalho inicial do intérprete de Libras e do professor surdo é ensinar Libras e auxiliar o desenvolvimento da subjetividade da criança surda.

Esses profissionais, em suas práticas pedagógicas, devem apresentar repetidamente, narrativas em língua de sinais a seus alunos surdos. Os contos de fadas, impressos ou filmados em Libras, estimulam no surdo o desejo de conhecer novas palavras e sinais, levando-o a ampliar seu vocabulário em português.

Assim, a intenção dessa cartilha é auxiliar, bem como suggestionar aos docentes do 1º ao 5º ano a relevância da contação de histórias para a aprendizagem dos alunos, bem como a necessidade de inseri-la na rotina dos dias de aula. Espera-se, enfim, que o conteúdo e atividades propostas nesta cartilha, possam contribuir com o trabalho certamente já desenvolvido nas práticas pedagógicas já adotadas pela Escola.

Esse produto será destinado aos professores do Ensino fundamental nos iniciais com orientações e sugestões de atividades voltadas para o ensino dos contos de fadas, impressos ou filmáticos em Libras, seja uma constante na escola, pois desenvolve e estimula o hábito de leitura e, nessa ação, de acordo com a pesquisa, aplica-se a inclusão de aluno surdo.

Sergiana Maria da Silva Pereira

Edmar Reis Thiengo

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NOS ESTUDOS DE CONTOS DE FADAS

Na Educação Básica, tem recebido estudantes com deficiência, incluindo aqueles com surdez. Para tanto, é imprescindível entender que formações devem ser feitas principalmente para que o professor da Educação Básica que atenda o aluno surdo tenha o mínimo de conhecimento de LIBRAS, ou Língua Brasileira de Sinais, é a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com essa comunidade. Como língua, esta é composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática semântica, pragmática sintaxe e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico de poder e força.



Os contos de tradição oral também têm uma importância extraordinária na formação de leitores inexperientes, crianças e adultos, surdos e ouvintes. Para a criança surda, assim como para a criança ouvinte que cresce em famílias que não cultivam o hábito de ler e contar histórias, o acesso às narrativas familiares (cantigas de ninar, parlendas, orações, casos familiares) é muito limitado. Por isso, contar histórias de fadas em Libras para crianças surdas pode contribuir para sua vida, pois o imaginário desses contos sempre mobiliza temas bem reais.

Dessa forma é importante que o educador conheça os elementos classificatórios identificáveis de uma língua em libras e demanda de prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. Foi na década de 60 que as línguas de sinais foram estudadas e analisadas, passando então a ocupar um status de língua. É uma língua viva e autônoma, reconhecida pela linguística. Pesquisas com filhos surdos de pais surdos estabelecem que a aquisição precoce da Língua de Sinais dentro do lar é um benefício e que esta aquisição contribui para o aprendizado da língua oral como Segunda língua para os surdos.



Os estudos em indivíduos surdos demonstram que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à língua oral, ou seja, que esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas.

A Língua de Sinais apresenta, por ser uma língua, um período crítico precoce para sua aquisição. Nos contos de fadas o herói insignificante, fraco, tolo, que é desprezado por sua diferença ou que, por essa diferença, sente-se isolado, repudiado por sua família ou sua comunidade (como acontece em “O patinho feio”, “A rainha das abelhas” e “As três linguagens”) encontra ressonâncias nas experiências vividas pelo surdo. Assim considerando-se que a forma de comunicação natural é aquela para o qual o sujeito está inserido, levando-se em conta a noção de sentimento estabelecido diante de qualquer tipo de aquisição na tenra idade.

Em decorrência do fato de conviverem com a Libras e a Língua Portuguesa, uma condição bilíngue, as crianças surdas se desenvolvem cognitivamente de maneira diferente. Por isso, faz-se necessário o uso de práticas alternativas, para que sejam obtidos melhores resultados em sua educação. A Língua de Sinais LIBRAS conta com uma série de componentes não manuais, como a expressão facial ou o movimento do corpo, que muitas vezes podem definir ou diferenciar significados entre sinais. A expressão facial e corporal podem traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento, etc., dando mais sentido à LIBRAS e, em alguns casos, de terminando o significado de um sinal.

O objetivo de despertar nos alunos surdos e ouvintes, maior interesse pela leitura em geral e pela interpretação em língua de sinais. Os contos de tradição

oral também têm uma importância extraordinária na formação de leitores inexperientes, crianças, surdos e ouvintes. Para a criança surda, assim como para a criança ouvinte que cresce em famílias que não cultivam o hábito de ler e contar histórias, o acesso às narrativas familiares (cantigas de ninar, parlendas, orações, casos familiares) é muito limitado. Além dos benefícios que traz ao aprendizado, esses contos são modelos com os quais o educando pode se identificar e propiciam contato direto com a grande herança cultural, representada pela literatura oral. De acordo com os Estudos do Imaginário, não é possível separarmos o mito ou a ficção da realidade, pois o imaginário, de acordo com Botelho, “não apenas faz parte da realidade humana, ele a caracteriza e a engendra” (2005, p.87).

O contato da criança surda com os contos de fadas também melhora a fluência na língua de sinais, sua memória e compreensão, não apenas da língua, como também do mundo e de sua identidade. Retomando Botelho (2005), nunca é demais lembrar que a identidade humana é formada por narrativas e ficções.

Nely Novaes Coelho (2008) refere-se à leitura e à literatura como “agentes formadores não apenas de leitores, mas especialmente da consciência de mundo que levará cada eu a se descobrir em relação ao outro, como parte integrante/responsável do/pelo meio em que vive” (2008, p. 130). Tanto no ambiente familiar como na formalidade da escola, o hábito de leitura é indispensável para o crescimento intelectual e cognitivo das crianças, sejam elas surdas ou ouvintes. E todo investimento em projetos que envolvam a divulgação dos contos de fadas em Libras e português, reverte em ganhos para o desenvolvimento intelectual e a construção da subjetividade das crianças surdas.

Vale ressaltar que a LIBRAS não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual espacial da realidade. Vejamos alguns exemplos que demonstram exatamente essa independência sintática do português:

Exemplo 1: LIBRAS: EU IR CASA. (verbo direcional) Português: “ Eu irei para casa. “ para - não se usa em LIBRAS, porque está incorporado ao verbo.

Exemplo 2: LIBRAS: FLOR EU-DAR MULHER-BENÇÃO (verbo direcional) Português: “Eu dei a flor para a mamãe.”

Exemplo 3: LIBRAS: PORQUE ISTO (expressão facial de interrogação) Português: “Para que serve isto?”

Exemplo 4: LIBRAS: IDADE VOCÊ (expressão facial de interrogação) Português: “Quantos anos você tem?”

Há alguns casos de omissão de verbos na LIBRAS:

Exemplo 5: LIBRAS: CINEMA O-P-I-A-N-O MUITO-BOM Português: “O filme O Piano é maravilhoso!”

Exemplo 6: LIBRAS: PORQUE PESSOA FELIZ-PULAR Português: “...porque as pessoas estão felizes demais!”

Exemplo 7: LIBRAS: PASSADO COMEÇAR FÉRIAS EU VONTADE... DEPRESSA VIAJAR Português: “Quando chegaram as férias, eu fiquei ansiosa para viajar.”

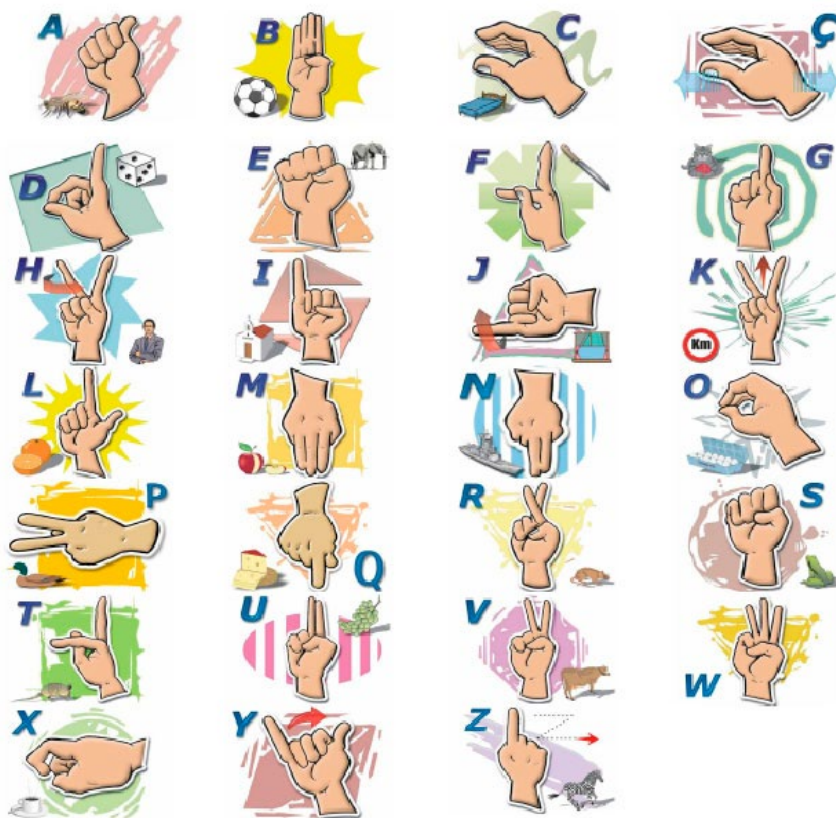
Observação: na estruturação da LIBRAS observa-se que a mesma possui regras próprias; não são usados artigos, preposições, conjunções, porque esses conectivos estão incorporados ao sinal.

Diante disso, compreendemos a necessidade de sugerir orientações aos professores que trabalham com estudantes surdos, tendo em vista que estes necessitam de atenção diferenciada no processo de ensino e de aprendizagem. Todavia, isso não quer dizer que deve haver separação ou superproteção do estudante, mas sim, adaptações para que o mesmo participe das atividades acadêmicas desenvolvidas na instituição.

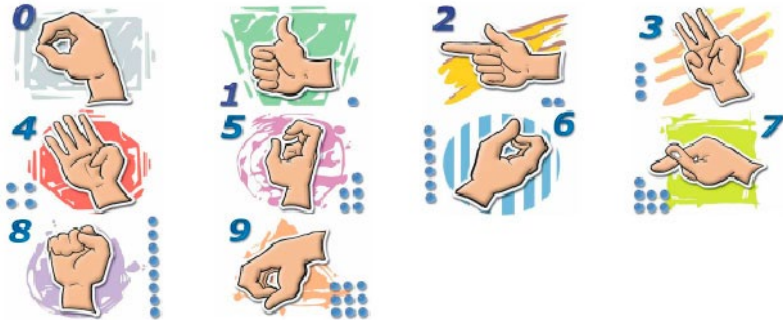
Considerando a importância da participação do professor no apoio ao desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do estudante surdo, relacionamos a seguir algumas orientações, básicas aos Docentes sobre Alunos surdos: Fornecer ao Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) o plano de curso, assim como os materiais impressos que serão utilizados na disciplina, para que o mesmo possa se preparar com antecedência para a interpretação durante a aula; Fornecer, com antecedência, ao estudante o plano de curso do componente curricular, assim como cópias dos meios visuais que serão utilizados em aula, para auxiliar o acompanhamento do conteúdo; Falar diretamente ao estudante, mesmo quando houver intérprete de LIBRAS na sala; Utilizar materiais concretos, visuais para o desenvolvimento da aula; Apresentar antecipadamente, na lousa ou impresso, um esboço da exposição oral a ser feita, visto que diferentemente dos discentes ouvintes, os surdos não tem como anotar comentários durante a exposição oral por necessitar estar sempre atento ao intérprete.

Para se comunicar, os estudantes surdos utilizam a via visual-gestual, o que permite aprender e perceber o mundo exclusivamente pela visão. Sendo assim, é importante que o professor juntamente com o interprete de Libras que trabalha com estudantes surdos utilizem a linguagem dos sinais, o alfabeto brasileiro de sinais; números e manuais apresentados nas figuras abaixo:

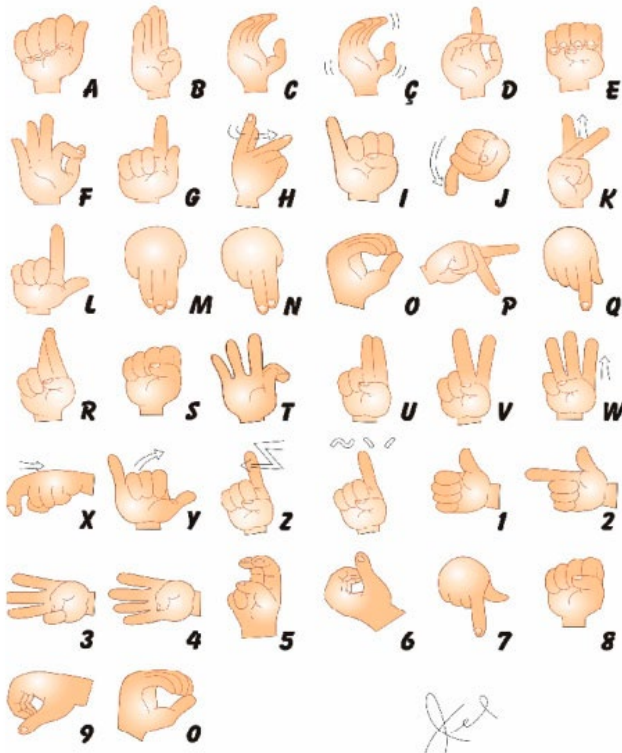
Alfabeto Brasileiro de Sinais:



Números:



Alfabeto manual:



CONCEITOS BÁSICOS SOBRE LIBRAS

A língua de Sinais quebra o bloqueio de comunicação da criança surda o mais cedo possível; Acaba com a irritação da criança surda com relação aos seus familiares quando estes começam a aprender sinais; Pode ocorrer uma comunicação mais rápida e verdadeira, além de Libras, expressar sentimentos, intensidade, clareza, graça e beleza; Quebra o bloqueio de comunicação; Facilita o desenvolvimento do raciocínio lógico do Surdo; Expressa ideias complexas e abstratas; Aumenta o contexto vocabular do Surdo em Sinais; Desperta o interesse pelos fatos da realidade.

Configuração de mão e pontos de articulação:

São as formas das mãos que quando ganham movimentos servem para indicar sentido a uma comunicação acessível.

Sistema de Classificação:

Serve de Suporte para definir relações existentes na visualização de elementos, produz uma imagem mental do objeto expresso em gestos.

ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL E A INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS

Nas escolas de Ensino Fundamental, a inclusão dos alunos surdos ocorre por intermédio de um intérprete, que traduz para a Língua de Sinais os conteúdos que o professor ministra e avalia o educando (Libâneo, 1994). Assim, o papel do professor junto com o intérprete é conseguir realizar o processo de inclusão do aluno surdo.

O desafio que se enfrenta na atualidade é transformar a escola de todos para todos numa instituição igualitária, renovando suas práticas educativas para atender à realidade dos desafios que chegam à sociedade, na formação de um cidadão pleno de seu compromisso (Pereira; Vieira, 2009).



Figura 1: Escola inclusiva na formação do cidadão pleno de direitos e deveres para com a sociedade.



Fonte: A autora (2022).

Em 1988, a Constituição Federal trouxe em seu Art. 208, Inciso III, que o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, deve se dar preferencialmente na rede regular de ensino” (Brasil, 1988, p. 70); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei nº 9.394/96) estabelece que os sistemas de ensino devem assegurar principalmente professores especializados ou devidamente capacitados para atuar com qualquer pessoa especial na sala de aula.

A aquisição da linguagem por crianças surdas deve acontecer por meio de uma língua visual-espacial, no nosso caso por meio da Libras (Quadros, 2004).

O processo educacional ocorre mediante a interação linguística e deve ocorrer, portanto, na Língua Brasileira de Sinais (Quadros, 2003). Quando a criança chega à escola sem linguagem, o trabalho deve ser direcionado para aquisição da linguagem por meio de uma língua visual-espacial.

O currículo escolar no Ensino Fundamental deveria estar organizado a partir de uma perspectiva visual-espacial, segundo Quadros (2004), para garantir o

acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, porque a língua da escola para os alunos surdos precisaria ser, desde o princípio, a Língua Brasileira de Sinais.

De acordo com o Art. 58 da LDB (Brasil, 1996), os alunos surdos têm garantidos seus direitos de serem atendidos nas escolas públicas, porém muitos professores, ou na sua grande maioria, não estão preparados para receber esses alunos, e sem esse preparo, por mais que os professores se esforcem e busquem metodologias de ensino-aprendizagem que melhor se adéquem para promover a inclusão, infelizmente podem ocorrer insucessos (Quadros, 2003; 2004).

Para que o processo de ensino-aprendizagem em salas com educandos surdos ocorra de forma plena, tem-se o papel do profissional intérprete, que medeia esse processo e é facilitador no diálogo professor-alunado (MONTEIRO, 2006).

A Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, regulamenta a profissão de tradutor e intérprete de Libras (TILS); esse profissional realiza a interpretação simultânea nas duas línguas (Libras e língua portuguesa) (Brasil, 2010). Em seu artigo 6º, discorre sobre a função do intérprete:

I. efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

II. interpretar, em Língua Brasileira de Sinais – Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;

III. atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;

IV. atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas; e

V. prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (Brasil, 2010, p. 2).

O profissional deve dominar a língua de sinais e a língua portuguesa. Uma especificidade do intérprete de Libras é seu trabalho na educação, denominado intérprete educacional (IE) (Lacerda, 2006).

O objetivo principal não é apenas traduzir, mas buscar, juntamente com o professor, meios diferenciados de ensino para que o aluno surdo possa ser favorecido em uma aprendizagem especificamente elaborada e pensada e, consequentemente, eficiente (LACERDA, 2006).

A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Desde muito pequeno, o bebê também emite sons. Inicialmente são os “arrulhos”, que vão se tornando mais sofisticados, apresentando-se na forma de “balbucio” que, por sua vez, vão progredindo até chegar a emissão de palavras e sentenças, as quais constituem a linguagem com a qual nos comunicamos. No período escolar, a linguagem já está bastante desenvolvida, tomando-se extremamente necessária para a continuidade do aprendizado escolar (Lacerda, 2006).

Portanto, o processo de comunicação entre os indivíduos através da linguagem depende sobretudo da audição, que, sem dúvida, constitui-se um fator importantíssimo no contato da criança com o mundo. A comunicação é a forma como os indivíduos transmitem as informações. Ela pode ser revestida por diferentes formas, que devem, necessariamente, responder a regras e a códigos que possuam significados.

A linguagem, por sua vez, é induzida por um idioma, segundo as regras de uma língua. Ela é a apropriação do sistema em função das qualidades intelectuais dos indivíduos que a utilizam, sendo a fala o modo de expressão da linguagem. Portanto, a fala é singularmente um meio de comunicação que comporta não só elementos linguísticos, mas também de estética e de afetividade cujos níveis de significação são menos abstratos e mais universais (LACERDA, 2006).

A etiologia da surdez é, também, um fator importante que tem relação não somente com a idade da perda auditiva, com possíveis distúrbios associados e com o desenvolvimento intelectual, mas também com a reação emocional dos pais (LOPES, 2007).

A deficiência auditiva na infância pode ser causada por vários fatores e suas etiologias são classificadas, basicamente, em perda auditiva congênita (pré e perinatal) e adquirida (pós-natal) (LOPES, 2007).

Sendo assim, nessa cartilha sugerimos aos professores do Ensino fundamental nos iniciais algumas dicas sobre deficiência auditiva.

- Respeite a identidade cultural e a forma de comunicação de cada pessoa.
- A terminologia adequada é pessoa surda ou pessoa com deficiência auditiva. Não use “surdo-mudo”, porque “mudo” é aquele que não fala, e o surdo pode falar. Mesmo que não seja oralizado (nem todos são), ele pode falar por meio da Libras – língua brasileira de sinais.
- Procure conhecer e, sempre que possível, oferecer recursos que atendam tanto aos surdos usuários da Libras (por meio do tradutor-intérprete) como aos usuários da língua portuguesa (comunicação através da escrita).
- Lembre-se que alguns surdos (mas não todos) fazem leitura labial. Quando for conversar com uma pessoa surda, mesmo na presença de um intérprete, fique de frente e dirija-se à pessoa.
- Para chamar uma pessoa surda use o toque ou outro elemento que chame sua atenção (como acender e apagar a luz do local). Lembre-se que não adianta gritar.

- O importante é entender o que o outro quer dizer. Se você tiver dificuldade na comunicação, peça para a pessoa escrever.
- Respeite o tempo de cada um para a realização das atividades.
- Respeite o tempo de aprendizado de cada pessoa.
- Reconheça e respeite a individualidade de cada um. Cada pessoa tem o seu jeito, as suas qualidades e os seus desafios.
- Ofereça ajuda sempre que achar que a pessoa precisa, mas respeite se a ajuda for recusada.
- Quando for ajudar, pergunte para a pessoa qual é a melhor forma de ajudá-la.
- Não trate a pessoa com deficiência como um doente. A pessoa com deficiência pode ficar doente como qualquer pessoa e pode também ter uma saúde tão boa ou melhor do que a sua.
- Qualquer tipo de limitação para realizar atividades pode ser minimizada ou até eliminada com a disponibilização dos recursos ou apoios adequados.
- Dê a oportunidade de a pessoa dar sua opinião. Quando quiser perguntar alguma coisa, pergunte diretamente para a própria pessoa.
- Trate a pessoa conforme sua idade. Crianças devem ser tratadas como crianças.
- Estimule as capacidades e qualidades que a criança possui. Lembre-se que todo mundo tem seu talento, suas afinidades e seu potencial de desenvolvimento em determinadas áreas de interesse e atividades.

- Nas brincadeiras, estimule os próprios participantes a buscarem soluções para que a brincadeira seja inclusiva. Pare a brincadeira quando tiver alguém excluído e procure, junto com a pessoa e com os participantes, maneiras para que todos participem.
- Perguntar sempre para a criança e para a família se existe alguma restrição para brincar (isso vale para qualquer pessoa)
- Nunca subestime as capacidades de uma criança e nem superestime as suas dificuldades (lembre-se que as dificuldades são provocadas pelas barreiras que existem no meio ambiente e pela falta de apoio ou recursos adequados).
- Respeite o tempo de cada um para realização das atividades.
- Não superproteja a pessoa. Permita que a pessoa dê suas opiniões, participe e tome suas próprias decisões.
- Trabalhe rotinas, seja claro e objetivo nas orientações e sempre inclua a criança nas atividades. Estimule o uso do braile, que é importante para alfabetização, mas lembre-se que nem toda criança surda sabe ler e escrever em braile. Portanto, ofereça soluções que sejam efetivas para a participação de cada pessoa.

PLANO DE AULA-GÊNERO TEXTUAL: CONTO DE FADAS

Série/ Ano:

Ensino Fundamental anos iniciais; Turma que contém criança com Deficiência Auditiva

Objetivos:

- Trabalhar a interpretação textual conto de fadas;
- Perceber a relação e a importância das novas tecnologias na vida moderna;
- Desenvolver o raciocínio, a leitura e a escrita.

Conteúdos:

- Leitura, interpretação e produção textual;
- Globalização.
- Tipos de frases
- Interpretação linguagens de sinais-Categoria
- Diálogo



Metodologia:

1º Momento – apresentação do tema para a turma através da oralidade e também dos sinais com o auxílio de um intérprete de Libras;

2º Momento – Vídeo em data show do texto em tira;

3º Momento – Interpretação escrita do texto visualizado no data show;

4º Momento – Execução da dinâmica dialógica (grupos alunos). A turma irá se dividir em grupo e dialogar, sendo que todos irão dialogar tendo o professor e ou interprete participante. Após essa etapa, os integrantes de cada grupo irão escrever um texto dissertativo falando sobre a importância que o dialogo tem em sua vida;

5º Momento – Os integrantes irão compartilhar os textos com os demais grupos, fazendo leituras silenciosas das construções dos colegas;

6º Momento – Na despedida, cada aluno levará o texto do colega que leu e postará na rede social que preferir.

Recursos:

Data show, folha de ofício, caneta, objetos tecnológicos (celular, pendrive, MP4, notebook).

TIPOS DE FRASES

Para produzirmos uma frase em LIBRAS nas formas afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa é necessário estarmos atentos às expressões faciais e corporais a serem realizadas, simultaneamente, às mesmas.

Afirmativa: a expressão facial é neutra. -Interrogativa: sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça, inclinando-se para cima.

Exclamativa: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo.

Forma negativa: a negação pode ser feita através de três processos:

- a) incorporando-se um sinal de negação diferente do afirmativo:
- b) realizando-se um movimento negativo com a cabeça, simultaneamente à ação que está sendo negada.
- c) acrescida do sinal NÃO (com o dedo indicador) à frase afirmativa.

Observação: em algumas ocasiões podem ser utilizados dois tipos de negação ao mesmo tempo.

ATIVIDADES ESTRUTURANDO FRASES A PARTIR DOS DESENHOS EXISTENTES NAS HISTÓRIAS

ESTRUTURANDO FRASES A PARTIR DOS DESENHOS



| O QUE É? | ONDE ESTÁ? | O QUE ESTÁ FAZENDO? |
|----------|------------|---------------------|
| | | |
| | | |
| | | |



| O QUE É? | ONDE ESTÁ? | O QUE ESTÁ FAZENDO? |
|----------|------------|---------------------|
| | | |
| | | |
| | | |



| O QUE É? | ONDE ESTÁ? | O QUE ESTÁ FAZENDO? |
|----------|------------|---------------------|
| | | |
| | | |
| | | |



| O QUE É? | ONDE ESTÁ? | O QUE ESTÁ FAZENDO? |
|----------|------------|---------------------|
| | | |
| | | |
| | | |



| O QUE É? | ONDE ESTÁ? | O QUE ESTÁ FAZENDO? |
|----------|------------|---------------------|
| | | |
| | | |
| | | |



| O QUE É? | ONDE ESTÁ? | O QUE ESTÁ FAZENDO? |
|----------|------------|---------------------|
| | | |
| | | |
| | | |



| O QUE É? | ONDE ESTÁ? | O QUE ESTÁ FAZENDO? |
|----------|------------|---------------------|
| | | |
| | | |
| | | |

ATIVIDADES DE INTERPRETAÇÃO LINGUAGENS DE SINAIS-CATEGORIA: INTERROGATIVOS

Diálogo:

A – OI! TUDO-BOM?

B – TUDO BO@.

A – ONDE VOCÊ MORAR?

B – EU MORAR ESPIRITO SANTO.

A – POR QUE MORAR ESPIRITO SANTO?

B – PORQUE PERTO TRABALHAR.

A – COMO VOCÊ CHEGAR TRABALHAR?

B – EU CHEGAR ÔNIBUS.

A – BO@ VER VOCÊ, TCHAU!

B - TCHAU

1. Pedir que cada aluno faça uma apresentação:

Nome, profissão, o que gosta ou não de fazer, mora com quem...

2. Interpretação: Categoria: Elementos da Natureza

Diálogo:

A – OI! TUDO-BOM?

B – TUDO BO@.

A – VOCÊ VIAJAR?

B – SIM, EU IR.

A – LUGAR CLIMA BO@?

B – SIM, BO@. CALOR, VENTO, SOL.

A – LUGAR BONIT@?

B – SIM. TER ÁGUA, MONTANHA, ÁRVORE, FLOR.

A – CÉU BONIT@?

B - SIM. LUA, ESTRELA BONIT@ MUIT@.

A – CHOVER MUIT@?

B- NÃO. ESPIRITO SANTO CHOVER?

A- SIM. CHOVER MUIT@. FRIO TER.

B- AH! (expressão de surpresa). (olhando para o relógio) PRECISAR IR. TCHAU! A- TCHAU!

1. Pedir que cada aluno faça uma apresentação:

A – Ontem eu fui ao Zoológico. Eu gosto de ver os animais. Eu vi um leão, um macaco e um rinoceronte. O Clima estava muito bom, tinha sol, vento, nuvens e muitas pessoas passeando junto a seus filhos. Futuramente, quando eu tiver filhos, também vou leva-los ao zoológico.

B – Amanhã preciso ir ao mercado. Na minha casa, está faltando feijão, arroz, ovos e carne. Preciso comprar rápido, porque amanhã minha família vem comer na minha casa. Quero que tudo esteja bom.

C- Hoje eu fui a l-o-j-a. Comprei muitas coisas diferentes, comprei 1 sino, 2 máquinas fotográficas, 1 televisão, 3 rádios. Eu gostei das coisas que comprei, mas minha família não gostou nada. A Noite eu voltei na L-O-J-A e dei tudo para vendedora. Fiquei com muita vergonha.

D – O clima do Estado do Espírito Santo é muito diferente. Hoje de manhã, estava muito calor, o sol estava forte tive que tirar meu casaco e colocar na minha mochila. À noite, começou a chover forte, tinha muito vento, esqueci meu guarda-chuva e cheguei em casa todo molhado.

Avaliação: Ocorrerá mediante a participação dos alunos nas diversas interpretações (orais, gestuais e escritas).

PALAVRAS FINAIS

A escola tem o papel fundamental de formar cidadãos proativos para a construção da sociedade. Nesse processo, estão incluídos alunos com deficiência física, visual, auditiva e outras. Porém deficiências não são motivos para que esses cidadãos não sejam considerados como tal.

Com a inclusão escolar, as instituições de ensino têm o dever de matricular todos os alunos, e as esferas governamentais devem garantir o suporte necessário nesse processo para aquelas estarem preparadas para atender a todos os educandos, além de reconhecer o papel do intérprete como mediador no processo de ensino-aprendizagem do educando surdo, no ensino de Libras.

O objetivo desta cartilha foi trazer algumas reflexões sobre a importância dos contos de fadas, adaptados para Libras, na educação e a formação da subjetividade das crianças surdas.

As adaptações das histórias para a Libras, Língua Brasileira de Sinais, levam às crianças surdas, não apenas o prazer da fruição dos contos de fadas, mas também os benefícios psicológicos advindos dessas narrativas.

REFERÊNCIAS

ABETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos-mitos-arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem os alunos, professores e intérpretes sobre essa experiência**. Caderno Cedes, Campinas, v. 26, nº 69, p. 163-184, mai.-ago. 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Maura Concini. **Surdez & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; VIEIRA, Maria Inês da Silva. Bilinguismo e educação de surdos. Revista Intercâmbio, São Paulo, v. 19, p. 62-67, 2009.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: A Aquisição da Língua-**

gem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem:** aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

SOLÉ, Maria Cristina Petrucci. **O Sujeito surdo e a Psicanálise:** uma outra via de escuta. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

Sites:

www.comunicarpib.blogspot.com

www.pibcuritiba.org.br

comunicarpib@yahoo.com.br

especiais@pibcuritiba.org.br

OS AUTORES

SERGIANA MARIA DA SILVA PEREIRA

Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Educacional da Lapa Fael, Estado do Paraná. Licenciatura em Letras-libras pela Faculdade Centro Universitário Leonardo da Vinci Uniasselvi Estado Santa Catarina. Especializada em Educação Inclusiva, Neuropsicologia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. Mestranda em Ciências, tecnologia e Educação pela Universidade Vale do Cricaré.



EDMAR REIS THIENGO

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Realizou estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PEMAT/UFRJ. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo –



Ufes, mesma instituição onde tornou-se Mestre em Educação, desenvolvendo pesquisas na área de História da Matemática; Licenciado em Ciências e Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola – MG. Membro da Comissão Permanente de Ações Afirmativas dos Programas de Pós-Graduação do Ifes; Coordenador do Curso de Licenciatura do Ifes - campus Vitória (2015-2019); Coordenador do Programa de Residência Pedagógica (2018- 2019) e (2022-2023); Coordenador da Área de Matemática (2019-2021). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática Inclusiva (GPEMI), e do Grupo de Pesquisa Educação, História e Diversidades (GPEHDi). Membro do Grupo de Trabalho 13 da Sociedade Brasileira de Educação Matemática - GT13 SBEM: Diferença, inclusão e Educação matemática.

ISBN: 978-85-92647-91-9

DIÁLOGO
EDITORIAL

